O déficit de professores das universidades federais

Simon Schwartzman

Junho de 2022

O jornal *O Estado de São Paulo* publicou, no dia 12 de junho, uma ampla matéria sob o título "Universidades federais têm déficit de ao menos 11 mil professores e técnicos". Da longa conversa que tive com a jornalista responsável pelo artigo, ela reteve duas observações, a de que o sistema federal expandiu rapidamente nos governos do PT, criando a necessidades de mais contratações de professores, e que foi afetada pela crise econômica de pós 2015, e a de que o atual governo não pode se eximir da responsabilidade de lidar com a questão, independentemente de sua origem.

É verdade, mas isto só toca a superfície do problema. Segundo a reportagem, o número de professores solicitados pelas universidades e não autorizados pelo governo seria de 3,726, ou seja, 3% do total. Algumas instituições estão certamente sofrendo mais por esta falta, mas, no conjunto, não faz muita diferença. Olhando os dados mais recentes do censo da Educação Superior de 2020, observamos que havia, naquele ano, 118 mil professores em exercício nas universidades federais, para 1.254 mil alunos, o que significa cerca de 10,6 alunos por professor. Nas estaduais, são 13,2; nas instituições privadas sem fins lucrativos, são 20 alunos por professor; e nas com fins lucrativos, em que a maioria dos alunos está em cursos à distância, são 43. Estes dados só se referem a alunos de graduação.

O que significam estes números? Dez alunos por professor é muito ou pouco? Quarenta é demais? Os dados internacionais mostram grandes diferenças mesmo entre os países mais desenvolvidos: França, 21; Alemanha, 8; Estados Unidos, 12; Inglaterra, 16; Canadá, 9. Brasil, na média, 19. Mas tudo depende do que chamamos de "professor", do que chamamos de "aluno", e de que tipo de instituições estamos considerando. É muito comum, nos Estados Unidos e em outras partes, que estudantes de pós-graduação trabalhem como assistentes de ensino, permitindo que um professor possa dar aulas para centenas de alunos, e estes assistentes não

contam como professores. Professores em tempo parcial ou exta-carreira nem sempre são contados. Tanto os professores quanto os alunos podem trabalhar em tempo integral ou parcial, e estas estatísticas muitas vezes consideram o “tempo integral equivalente”, ou seja, dois professores de meio tempo são contados como um de tempo integral. E, finalmente, nem sempre institutos tecnológicos e outras instituições de ensino pós-secundário entram nestas estatísticas sobre ensino superior.

De qualquer forma, não há dúvida que as universidades federais são as que têm menos alunos por professor no Brasil, quando comparadas com outros tipos de instituição, estaduais ou privadas. Uma justificação usual para isto é que os professores também são pesquisadores e dão aulas em cursos de graduação, o que deixaria menos tempo para ensinar nos cursos de graduação. No entanto, sabemos que as atividades de pesquisa e os cursos de doutorado estão concentradas em um número relativamente pequeno de universidades federais e do Estado de São Paulo. Com os dados de um estudo que fiz com informações de 2018, foi possível comparar as 19 instituições de públicas de grande porte e com atividades intensas de pesquisa e pós-graduação com 124 outras dedicadas quase que exclusivamente a ensino de graduação, e as taxas de alunos por professor eram praticamente as mesmas nos dois grupos.